**Área temática:** Ciências Sociais Aplicadas

**As marias do cangaço: uma análise sobre o silenciamento da participação feminina no banditismo social**

Júlia Gomes da Mota Barreto, Felipe Araújo Castro

Nos mais diversos campos de pesquisa, coletou-se material acerca da história do cangaço e produziu-se variadas teorias sobre ele, entre elas a teoria do banditismo social, desenvolvida pelo historiador Eric Hobsbawm. Há várias interpretações acerca do cangaço, movimento que ocorreu no sertão o Nordeste brasileiro entre os séculos XIX e XX. A maioria delas, interpretações maniqueístas, em que os cangaceiros assumem ou o papel de bandidos, ou o de heróis. Assim como em outras narrativas históricas, a história do cangaço é contada majoritariamente por homens que discorrem sobre a vida dos cangaceiros da época, tendo-se pouca ou quase nenhuma produção acerca da participação feminina no cangaço, em comparação aos estudos acerca dos cangaceiros homens. O presente plano de trabalho objetivou compreender a participação feminina no movimento entre os anos de 1930 a 1938, a partir da entrada de Maria Gomes de Oliveira - que após sua morte ficaria conhecida como Maria Bonita, sendo um marco na história do cangaceirismo. Buscou-se analisar essa participação, as relações de gênero e poder do homem sobre a mulher refletida no cangaço e os discursos sobre essas mulheres, que as mantém numa posição de subordinação e reforçam estereótipos e a opressão de gênero, mesmo que sejam consideradas como transgressoras de seu tempo. Para isso, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e documental, em um primeiro momento, buscou-se compreender o fenômeno do banditismo social nordestino e o contexto em que se deu o Movimento Cangaço, bem como suas raízes históricas. Posteriormente, analisou-se as relações e violências de gênero no cangaço, a reprodução do sistema patriarcal em seu interior, assim como os possíveis motivos para que se desse a invisibilização das histórias das cangaceiras. Como resultados, pode-se perceber que escassos são os materiais produzidos sobre as mulheres cangaceiras, que passaram longe de serem as feministas pintadas no nosso imaginário. Muitas delas foram raptadas e estupradas, obrigadas a entrar para os bandos e mais tarde, separadas de seus filhos. Tiveram suas histórias tão invisibilizadas quanto as de suas mães e avós. Nas notícias sobre elas, os escritores preocupavam-se apenas em descrever e menosprezar sua aparência. Parte da dificuldade do estudo se dá justamente por isso. Ao contrário de Dadá, a esposa que o cangaceiro Corisco raptou e estuprou, que deixou sua vida registrada em filmes, livros e entrevistas, a história de Maria Bonita, rainha do cangaço, é contada apenas por terceiros. O mesmo também acontece com as demais mulheres que fizeram parte dos bandos. Toda essa obscuridade construiu a mitificação em torno das cangaceiras, escondendo as constantes violências as quais eram submetidas. Elas tinham, de fato, um caráter transgressor. Porém, o ambiente em que viviam nada tinha de libertador, reproduzindo as relações de violência e dominação masculina típicas do patriarcado, principalmente no que diz respeito ao controle dos corpos dessas mulheres. Dessa forma, o presente trabalho apresenta-se relevante no que diz respeito a possibilitar uma melhor compreensão acerca da presença feminina no banditismo social, fenômeno histórico regional, intrinsecamente conectado à cidade de Mossoró.

**Palavras-chave:** Cangaço, Banditismo social, Gênero, Maria Bonita, Violência.

**Agência financiadora:** PIVIC - UFERSA.